



Os desafios da evangelização com as novas tecnologias digitais

The debate on digital technologies for evangelization

Adilson Cristiano Habowski^[a], Elaine Conte^{[a][b]*}

^[a] Educação pela Universidade La Salle, Canoas, RS, Brasil

^[b] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo

O presente ensaio analisa a possível relação entre a evangelização cristã e as tecnologias digitais, identificando as (in)viabilidades de uma propagação e vivência da fé por meio das tecnologias no cenário social, político e religioso que se descortina no século XXI. É um estudo imprescindível para a Igreja, bem como para as reflexões teológicas, visto que estamos numa sociedade entrelaçada por influências globais e interconexões com o outro, o diferente, a constante inovação, a rápida interação e as diversas manifestações discursivas depositadas no ciberespaço. Concluímos que existe uma determinada banalização das coisas sagradas e das mensagens de fé associadas ao religioso no ciberespaço. O cuidado reside para que essa nova forma de evangelização não sofra deturpações da postura reflexiva perante a vida, à construção da própria identidade (suscetível à necessidade de velocidade desorientadora) imposta pelo ritmo contemporâneo da indústria cultural.

Palavras-chave: Tecnologias. Evangelização. Identidade. Desafios.

*ACH: Graduado em Teologia, e-mail: adilsonhabowski@hotmail.com

EC: Doutora em Educação, e-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

Abstract

This essay examines the possible relationship between Christian evangelization and digital technologies, identifying the (in) Viabilities of a propagation and experience of faith through technologies in the social, political and religious scene that is incurable in the century XXI. It is an indispensable study for the church, as well as for theological reflections, since we are in a society intertwined by global influences and interconnections with the other, the different, the constant innovation, the rapid interaction and the various Discursive manifestations deposited in cyberspace. We conclude that there is a certain trivialization of the sacred things and the messages of faith associated with the religious in cyberspace. The care lies so that this new form of evangelization does not suffer from the misrepresentation of the reflective posture before life, the construction of its own identity (susceptible to the need for disorientating speed) imposed by the contemporary rhythm of the industry Cultural.

Keywords: *Technologies. Evangelization. Identity. Challenges.*

Introdução

Compreender as múltiplas dimensões das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e relacioná-la com as possibilidades de evangelização¹ é trilhar um mundo de aporias (controverso), pois mexe com toda a tradição cristã que está fortemente alicerçada numa vivência comunitária, que se dá pela presença física nos seus diversos rituais, além de identificarmos pouquíssimas pesquisas aprofundadas sobre a temática. No entanto, isso serve de impulso para reflexões e novas indagações norteadoras para o nosso tempo, a saber: Que impactos estas mudanças tecnológicas têm na evangelização? Quais os possíveis caminhos e as potencialidades do surgimento de uma reflexividade pela via das

¹ Entendemos aqui por evangelização a ação religiosa usada pela Igreja católica para revelar e comunicar aos homens os acontecimentos de Cristo, a fé da Igreja, a realidade e a força de encontrar na fé o entusiasmo para revitalizar a dimensão humana e histórica da salvação por meio da fé.

tecnologias digitais, para tornar possível uma experiência de fé reanimada nas estruturas religiosas? Estas duas questões nos interpelam para a tomada de posição sobre o assunto. Conforme Habermas (1993, p. 94), “pelo fato de não sabermos se é dada a possibilidade de sucesso, devemos ao menos tentar. Sentimentos apocalípticos não produzem nada, além de consumir energias que alimentam nossas iniciativas”. Diante desse contexto, estamos ancorados em uma abordagem hermenêutica voltada para a compreensão e a interpretação de textos e discursos inscritos no mundo da cultura (HABOWSKI; JACOBI; CONTE, 2018). Segundo Habermas (1994, p. 222), “a compreensão hermenêutica se endereça por sua mesma estrutura a garantir, dentro das tradições culturais, a autocompreensão possível dos indivíduos e dos grupos, que oriente a ação, e uma compreensão recíproca entre os indivíduos e os grupos com tradições culturais distintas”. Na verdade, parece que a modernidade é guiada por uma ansiedade existencial inevitável num mundo que opera sobre resultados e cobranças pessoais, em que percebemos na terapia da fé e na postura reflexiva um dispositivo para contextualizar os desafios impostos à própria vida e à formação identitária.

Por ocasião dos acelerados avanços das tecnologias digitais, vivemos num processo de mudança social e cultural onde as pessoas têm ânsia de serem vistas (e mostrar que são melhores que o outro) e de ter mais (sucesso financeiro a qualquer custo), o que acaba tornando as pessoas desumanizadas, infelizes, alienadas em relação ao outro, e o mundo mensurável por ações que fragilizam, objetificam e segregam a própria experiência humana. O ciberespaço é também uma arena de segregação e exerce influência nos modos de ser das pessoas, facilmente percebida no sentido de novas linguagens, atitudes, ideologias e trocas de valores, fazendo com que o mundo se torne mais complexo de uma forma não patológica, ou seja, oportunizando a tomada de consciência e a (re) organização da própria aprendizagem vital. Caracterizar as experiências de fé nos meios tecnológicos é desafiador e necessário, visto que requer um diagnóstico das modificações ontológicas e sociológicas que as novas tecnologias digitais vêm provocando nas relações entre as pessoas e o

mundo, especialmente nas formas de conviver com as pressões externas. Nesse contexto, Sbardelotto (2012, p. 5) defende que,

Capelas virtuais, velas virtuais, terço virtual, missas em vídeos *online*, pedidos de oração e aconselhamento espiritual pela internet. São inúmeros os serviços oferecidos pela grande maioria das igrejas cristãs, especialmente pela Igreja Católica, entre os bits e pixels da internet. Deus se faz digital, a religiosidade passa a ser vivida de modo *online*, o fiel se conecta com o sagrado mediado pela internet: a fé praticada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso. Se a comunicação (suas lógicas, seus dispositivos, suas processualidades) está em constante evolução, a religião ao fazer uso daquela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era. Assim, se a internet traz consigo novas formas de lidar com o mundo – e, conseqüentemente, com sagrado –, a religião e a religiosidade como tradicionalmente as conhecemos também passam a mudar.

Os desafios para a igreja está no (con)viver e no fazer pensar por meio das tecnologias, pois elas nos colocam desafios significativos para os entendimentos da fé cristã que são transmitidos através dos compartilhamentos democráticos. Nas tecnologias digitais as pessoas possuem o poder da liberdade na preferência de pesquisas, na transmissão de opiniões pessoais, na defesa de seus posicionamentos coletivos e ideologias. A liberdade que temos nessas tecnologias, e que talvez não ocorra com tanta presença nos demais âmbitos sociais, influencia com veemência os sentidos da fé voltados para a libertação, justiça e igualdade social, através do privilégio da reflexividade sobre a vida. As tecnologias digitais são fruto de uma maior liberdade de escolha e de poder que o ciberespaço dá as pessoas e transmite, possibilitando ao sujeito o projetar-se vital na tomada de decisões. Pensar em modos de evangelização nas interrelações com as tecnologias é uma demanda que precisa ser discutida, pois envolve o ser humano e o exercício reflexivo de mobilizar conhecimentos com o outro, como uma formação aberta aos sujeitos, que diminui as barreiras impostas pelo tempo e espaço, expandindo as possibilidades de compartilhar experiências.

Uma análise social das tecnologias digitais

Na Sociedade em Rede, expressão utilizada por Castells (1999), é a sociedade que confere sentido e valor à tecnologia de acordo com as necessidades e interesses das pessoas, das relações sociais, culturais e religiosas estabelecidas; a rede constitui-se em fluxo, tecido por pessoas em processos comunicacionais. Para França (2002, p. 59), a palavra rede “refere-se a um entrelaçamento de linhas, a um conjunto de nós interconectados”, e assim, a “comunicação em rede, sociedade em rede são expressões para significar a interconexão de elementos, processos, sentidos que marcam as relações comunicativas e a construção da vida social”. Com as redes sociais, as relações intersubjetivas passaram por modificações, gerando novos modos de comunicar, interagir, pensar e atuar, além de transformar os modos de ser, sentir e agir do sujeito contemporâneo. A internet, uma plataforma de comunicação rápida e relacional, constituída por redes computacionais, possibilita a aproximação de todos com esse mundo sem limites. Sob a perspectiva Castells (2003, p. 8), a “internet é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos, num momento escolhido, em escala global”. A internet movimenta a sociedade e retroalimenta a comunicação, já que o mundo é constituído de hipertextos e conexões abertas às múltiplas linguagens e ao diálogo com as diferentes culturas enquanto possibilidade de aprender com a multiculturalidade. Castells (2003, p. 225) observa a ambiguidade das tecnologias ao afirmá-la como “uma tecnologia da liberdade — mas pode libertar os poderosos para oprimir os desinformados, pode levar à exclusão dos desvalorizados pelos conquistadores do valor”. Diante disso, é necessário “situar nossa ação no contexto específico de dominação e libertação em que vivemos: a sociedade de rede, construída em torno das redes de comunicação da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 225).

Com a internet, temos o potencial de renovar as práticas sociais, no sentido de manifestar opiniões, encontrar pessoas, despertar novas relações entre pessoas, criando vínculos com o outro. O acesso à internet transforma as formas de comunicação, interação e experiências, evidenciando também um comportamento de passarmos horas vasculhando informações, perdendo inclusive a noção de tempo de conectividade. Com

a digitalização de textos, imagens, sons e o compartilhamento de conhecimentos, as informações também são pesquisadas e partilhadas instantaneamente, conforme os interesses e necessidades dos sujeitos. Lemos (2008, p. 12) define internet como “um espaço de comunicação propriamente surrealista, do qual ‘nada é excluído’, nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir”. E acrescenta,

a internet encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam. Já que tudo é possível, ela se manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a inspiração à liberdade (LEMONS, 2008, p. 12).

O contexto social e a dinâmica tecnológica correspondem a uma tomada de posição e responsabilidade humana na utilização das redes de comunicação global, cabível às pessoas para filtrar, interpretar e explorar esses recursos tecnológicos, conforme seu próprio contexto e necessidades culturais (CASTELLS, 2003). Para Castells (1999), o que se pode destacar na sociedade em rede é a mudança nas formas de relações humanas, iniciando um processo de transformação sociocultural, já que com essa modificação as pessoas têm mais liberdade de fazer escolhas, o que não acontecia em meios como a TV e o rádio, pois os conteúdos já eram programados de acordo com os interesses dos telespectadores. Então, os sujeitos passaram a interagir, trocar ideias, discordar, participar do processo de produção da informação. “O surgimento de um novo sistema eletrônico de comunicação caracterizado pelo seu alcance global, integração de todos os meios de comunicação e interatividade potencial está mudando e mudará completamente nossa cultura” (CASTELLS, 1999, p. 414).

As tecnologias digitais, criadas e melhoradas pelo ser humano ao longo da história, estão transformando a vida social, nos estimulando a buscar novas metodologias para compreender as alterações socioculturais e, quem sabe, despertar situações mais reflexivas em meio às incessantes mudanças da realidade. Lemos (2008, p. 15) diz que “a cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), vai criar uma nova relação entre a técnica e a vida social que chamaremos de cibercultura”. A interação

tecnológica tem progredido, tornando-se cada vez mais ágil e confortável, vivificando a comunicação planetária pela interação global.

As recentes transformações da sociedade propiciadas pela familiarização com as tecnologias digitais atingem todo âmbito social, político, econômico, cultural e religioso, criando novas exigências que alteram as percepções estabelecidas. Discorrer sobre as tecnologias nos faz pensar sobre a própria evolução humana, pois as TDIC são também responsáveis pelas mudanças que transformam os modos de lidar com problemas e situações diárias, além de provocar mudanças nas formas de sentir, pensar e agir. Numa constatação sociológica, a presença das tecnologias causa transformações sociais em decorrência da velocidade das informações e dos processos de globalização e do aprimoramento tecnológico, que negligencia, muitas vezes, os questionamentos sobre os objetivos, os rumos e os sentidos da vida. A partir do momento que uma sucessão de criações possibilitou a conexão digital entre as pessoas nas redes, os costumes e as práticas sociais sofreram modificações de hábitos concebidos, inclusive, através da instrumentalização da comunicação nas comunidades virtuais.

O acesso às redes, no exercício de aprender juntos e em comunhão, está correlacionado aos diversos âmbitos sociais em razão de que estamos numa sociedade tecnológica e global, além de possuímos rápida atração e intimidade com os artefatos digitais que vão surgindo, tornando-se quase imprescindíveis na vida do ser humano. No entanto, ainda é necessário que estejamos aptos a participar e comunicar de uma experiência comum, visto que a tecnologia ainda não é algo democratizado em toda a sociedade brasileira, dependendo da região em que a pessoa se encontra.

Alicerçados na perspectiva de *modernidade líquida*², de Zygmunt Bauman, vivemos em uma sociedade marcada por ilimitadas possibilidades de escolhas, ausência de solidez, bem como de incertezas, caracterizada por uma lógica do presente, do consumo e dos desejos, que são constantemente restauráveis. O aprendizado das pessoas também acontece num processo provisório, portanto, líquido, sendo necessário

² Bauman (2001) destaca que a modernidade está num período de privatização, individualização e de consumismo, ocorrendo um desvinculamento das relações de poderes e um derretimento das tradições, viabilizando uma ruptura entre a construção individual e a construção política da vida em sociedade.

permanecer constantemente em busca de sua atualização nas virtualizações dos conhecimentos tecnológicos. Sobre a virtualização, Lévy (1996, p. 11) afirma que:

Certamente nunca antes as mudanças das técnicas, da economia e dos costumes foram tão rápidas e desestabilizantes. Ora, a virtualização constitui justamente a essência, ou a ponta fina, da mutação em curso. Enquanto tal, a virtualização não é nem boa, nem má, nem neutra. Ela se apresenta como o movimento mesmo do “devir outro” — ou heterogênesse — do humano. Antes de temê-la, condená-la ou lançar-se às cegas a ela, proponho que se faça o esforço de apreender, de pensar, de compreender em toda sua amplitude e virtualização.

Enquanto dispositivo tecnológico, o espaço virtual com a utilização de diversos recursos inovadores pode democratizar o acesso ao conhecimento, mas, sobretudo, possibilita o diálogo aberto, o agir coletivo e a interação entre os sujeitos, partindo de uma compreensão articulada com a vida para a transformação social. Assim, a esfera virtual pode ser importante para uma concepção reconstrutiva dos saberes e para a integração do pensar coletivo. No entanto, o virtual e a tecnointeração não são suficientes, surgindo a necessidade de uma relação intersubjetiva e emancipatória, que se manifesta na construção do pensar crítico dos sujeitos com as tecnologias. A partir de um cenário tecnológico dinâmico, inconstante e complexo, a humanidade precisa buscar novos sentidos de compreensão, enxergando para além das superfícies das interfaces digitais. Nas palavras de Lévy (1993, p. 15),

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto que as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida. Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isto porque a impressão e a escrita (que são técnicas!) o constituem em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus [...] são condicionadas por processos materiais.

Por ocasião da falta de conhecimento diante da popularização dos meios tecnológicos e suas rápidas mudanças e interrogações, Lévy (1993) destaca que muitos sujeitos preferem apenas efetuar críticas sobre a técnica, do que investir em estudos que visam o entendimento e o esclarecimento, para então propor novos rumos para a humanidade. Lévy (2000, p. 15) ainda nos afirma que, “devemos aceitá-lo como nova condição. Temos que ensinar nossos filhos a nadar, a flutuar, talvez a navegar”. Nesse sentido, a ideia de *cibercultura*, proposta por Pierre Lévy (2000), atinge diversas áreas humanas (política, socioeconômica, cultural, religiosa e outras) nos convidando a ressignificar a sociedade, entender o mundo e interrogá-lo, na tentativa de encontrar respostas para a melhoria da vida humana. Para tanto, é preciso romper com os preconceitos de que a comunidade virtual surgiu para destruir o mundo real e as capacidades do ser humano.

É neste processo que a cultura digital está inserida e vai sendo caracterizada ora como libertadora, por ocasião da facilidade de acesso tecnológico, ora como desorientada e superficial, pela falta de um pensar para além da lógica unificadora (que neutraliza as lutas vitais de diferenciação ética) e no sentido de um diálogo de reconhecimento recíproco dos modos de habitar o mundo. A sociedade digital é uma comunidade complexa que demanda orientação nas relações de poder vigente para impulsionar a vida. Com o passar dos anos, os discursos colocados em circulação também se deslocam conforme às características e aos imperativos de representação das pessoas, assim como o tempo de atenção e concentração entre as pessoas se torna cada vez mais inconstante. Neste quesito, estaríamos diante de uma geração intercambista, visto que os interesses em seus diversos âmbitos estão se modificando constantemente.

Através de uma postura crítica e de contracultura ao mercado, surgem os teóricos da Escola de Frankfurt, apontando críticas a esse sistema ideologizante, limitante de interpretações isoladas, alienantes e de condutas inadequadas, cujas configurações provêm das mídias culturais. Adorno e Horkheimer (1985, p. 101) afirmam que “o cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”. Para tanto, a indústria cultural orienta o consumo de seus produtos, mantém, moderniza e investe nas

mídias, fazendo uso das mesmas como caminho de transmissão de seus interesses à atual configuração das subjetividades e das condutas que conduzirão a própria vida. Pela diversão e entretenimento determinam a vida das pessoas, apresentam uma nova vida possível (utópica e irreal), que enfraquece as experiências compartilhadas pelo vazio de adequação ao mundo de ativismos práticos. Aquele que destoa ou não se mostra, integra ao padrão de vida estipulado, é renegado e excluído socialmente, já que vive à margem da cultura funcionalista das grandes massas. Nas palavras de Adorno (2009, p. 16), “quem não se adapta é massacrado pela impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do isolado. Excluído da indústria, é fácil convencê-lo de sua insuficiência”. Portanto,

Na indústria cultural, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universo está fora de questão. Da improvisação padronizada no jazz até os tipos originais do cinema, que têm de deixar a franja cair sobre os olhos para serem reconhecidos como tais, o que domina é a pseudoindividualidade. O individual reduz-se à capacidade do universal de marcar tão integralmente o contingente que ele possa ser conservado como o mesmo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 128).

O sistema hegemônico que está por trás da indústria cultural é o mercado, que ao ditar os estilos de vida, através da manipulação cultural, condiciona as subjetividades conforme as necessidades fabricadas. No contexto da educação, aprisiona as relações sociais a uma cultura mercadológica da informação atrelada a uma servidão. Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p. 209), “a propaganda manipula os homens; onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma. A falsidade é inseparável dela”.

Outro elemento presente nos meios tecnológicos é a homogeneização das consciências por meio dos conteúdos propagados, dando prioridade para o sensacionalismo, o chocante e sem mencionar as contradições e a historicidade das problemáticas sociais. Isso acontece porque os meios de comunicação de massa nasceram e cresceram enraizados no processo de industrialização, que vem ocorrendo desde o século XIX. Em meados do século XX, o capitalismo criou premissas para uma sociedade consumista fortemente alicerçada pelas mídias. Esta lógica de mercado não só

passou a ditar as tendências a serem consumidas, mas também o modo de pensar e agir humano na vida em sociedade, provocando uma forma de normatização da pessoa por meio da ditadura de certezas.

Tecnologias e evangelização: reflexões

Neste tópico, observaremos as tecnologias com características de domínio ideológico exercido pela hierarquização e homogeneização, mas que conservam potencialidades para um agir coletivo e dialógico. Desde que seja norteado pelo aprender a pensar os enunciados que são divulgados no ciberespaço, o que implica esforço e envolvimento pela troca recíproca, autocriação e resistência. Torna-se imperativo o diálogo entre os interlocutores para atingir um consenso sobre algo a ser discutido, visto que algumas temáticas e posturas eclesiais geram grandes debates e discussões agressivas nos meios tecnológicos. Por isso, é necessária uma comunicação não instrumentalizada, mas de abertura ao diálogo com o outro, indispensável para obtenção do consenso e para a revisão constante das posições eclesiais, implicando em um compromisso constante e investigativo das práticas sociais. Rodrigues e Freitas (2012, p. 628) afirmam que, “as tecnologias geradoras da sociedade digital não são capazes de garantir a autenticidade da mensagem cristã, de que a Igreja é depositária”, pelo fato de que as tecnologias são invenções humanas. “A mensagem de Cristo, embora utilize mediações humanas, faz com que a sua sacramentalidade nunca possa confinar-se apenas aos instrumentos digitais, antes postule relações crentes e quentes numa comunidade humana congregada pela fé” (RODRIGUES; FREITAS, 2012, p. 628).

Conforme Lévy (1993, p. 21), “a circulação de informações é, muitas vezes, apenas um pretexto para a confirmação recíproca do estado de uma relação”, pois na articulação comunicativa é a dialética da intercomunicação que se coloca em questão, as intencionalidades discursivas, transformando os sentidos e os contextos. Para Rodrigues e Freitas (2012, p. 627), “comunicar bem é fundamental para o cristianismo. Sem comunicação — nas suas múltiplas expressões — não existe anúncio e sem anúncio não existe encontro com Cristo”. Essa questão tem gerado debates

ambíguos, pois de um lado, a tecnologia é apresentada como fantástica ferramenta para ampliação da atividade democrática e de propagação da fé, considerada ainda como potencial para uma revolução na inteligência coletiva. Pierre Lévy (2000) entende a cibercultura na perspectiva de uma economia colaborativa em rede. Por outro lado, o aparato tecnológico é compreendido dentro de um contexto com base em interesses fundamentalmente capitalistas e ideológicos, sustentado pela teoria crítica, em que a indústria cultural além de fornecer a desapropriação da habilidade de pensar, influencia a vontade dos sujeitos, a tal ponto de bloquear a disposição crítica de almejar e de eleger o melhor para si.

Spadaro (2011, p. 3, tradução nossa) explica que “pode-se cair na ilusão de que o sagrado ou o religioso estão ao alcance do mouse”, ou seja, de que o sagrado está “à disposição de um consumidor no momento da necessidade”. Contudo, é preciso questionar, nesse contexto, se a conexão e a comunhão se equivalem, já que “a conexão, por si só, não basta para fazer da Rede um lugar de partilha plenamente humana” (SPADARO, 2011, p. 9, tradução nossa). Desse modo, as reflexões sobre a experiência da fé e a propagação da evangelização nos meios tecnológicos é uma demanda contemporânea e necessária, pois a vivência da fé cristã se caracteriza ao pertencimento a comunidade eclesial, já nas relações tecnológicas, a dimensão da comunidade contextual e do comprometimento é inexistente. Para Rodrigues e Freitas (2012, p. 622), “a pergunta não é *como estar presente no mundo digital?* mas antes *como viver bem neste mundo?* O plano digital é um dado assumido, harmonicamente integrado com as mais diversas dimensões do cotidiano”. A rápida transmissão ideológica oprime as percepções para induzir ao consumo, não existindo possibilidade de avaliar outras alternativas. No ciberespaço, as fantasias onipresentes recebem espaços fascinantes de uma sociedade progressivamente individualista e fragmentada, de leituras unilaterais e de entendimentos equivocados. É nessa perspectiva que, conforme Rodrigues e Freitas (2012, p. 628), a catequese tem como

desafio romper o círculo da individualidade, do anonimato e da assepsia espiritual, que o digital mal entendido pode ser usado para legitimar, como se estas fossem as características que definem a sociedade digital”, sendo

necessário “reassumir, talvez com mais afinco, a transcendência como núcleo central de toda a experiência viva de religiosidade e espiritualidade.

A propagação da evangelização nos meios tecnológicos ainda traz o individualismo como característica recorrente. A utilização das tecnologias em prol de uma melhor formação pessoal através da evangelização é uma realidade distante, necessitando mais esforços de pesquisas e de posições eclesiais e teológicas. Mas, na fé cristã, o envolvimento com as tecnologias pode corromper a liberdade do sujeito, no sentido de viver um isolamento solipsista? Ou no ciberespaço residem possibilidades de interação e estimulação da própria fé? Embora no ciberespaço exista um deslocamento espacial dessa experiência, distanciando de uma comunidade física e real para uma experiência de comunidade que acontece apenas na virtualidade, em contrapartida, permite a formação de comunidades mais abrangentes e globais. Esta nova formação comunitária eclesial pode se dar no sentido de que, por exemplo, as pessoas podem assistir a uma celebração que está sendo transmitida a longas distâncias e encontrar neste espaço virtual um potencial de encontro de fé.

Forma-se, portanto, uma nova identidade individual, comunitária e até mesmo religiosa a partir de uma religiosidade midiaticizada moldada por um conjunto de práticas cômodo, terapêutico e personalizado. Assim convergindo, ambos os sistemas sociais – comunicacional e religioso – moldam e caracterizam o mundo cotidiano da experiência vivida do indivíduo e das instituições, influenciando em suas formas de comunicar e de se inter-relacionar (SBARDELOTTO, 2012, p. 33).

Nesse sentido, o modo de vivenciar a fé mesmo com pessoas distantes, na virtualidade da comunicação, não precisa ser conjecturado enquanto nulidade da experiência da fé cristã, pois as possibilidades interacionais nos oferecem uma nova compreensão de comunidade eclesial. O sentido de comunidade de fé não se extingue enquanto uma experiência de fé isolada ou individualista, pois, além de participar de uma comunidade eclesial virtual, nela é possível compartilhar e vivenciar a vida com outras pessoas. O fiel nas tecnologias virtuais, assim como acontece numa experiência real, busca nas comunidades de fé um elemento a mais para atribuir sentido vital, não mais em igrejas de pedras, mas na vasta igreja que se faz presente e atuante

no ambiente virtual. Certamente, há mudanças nas formas de vivenciar a fé nos tempos atuais e virtuais. Ora, se com a convivência é possível ver, ouvir e ser tocado pelo mistério divino, por que estas mesmas dimensões não podem ser vivenciadas e sentidas por meio do ambiente virtual? João Paulo II, na *Encíclica Redemptoris Missio* (2005, p. 63), referindo-se às mídias que estão presentes nas sociedades, afirmou que estas representam o “principal instrumento de informação e de formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais”.

No entanto, é necessário ter um olhar crítico em relação aos conteúdos disponibilizados, às imagens que são consideradas, à linguagem visual, que tem grande capacidade de fascínio e de rápido acesso e sucesso. Isto acontece devido ao ritmo de vida acelerado do ser humano e surge do cansaço e da diminuição de tempo disponível para leituras, favorecendo o menor esforço possível para a comunicação. Nas redes sociais encontramos informações descontextualizadas, superficiais e repetitivas, que servem ao entretenimento e divulgação das próprias atrocidades humanas. A linguagem imagética faz com que questões complexas sejam coisificadas, permanecendo em sigilo as origens das causas, seja de realidade religiosa, política, cultural, social, político e econômico.

[...] a midiaticização, especialmente em sua fase digital, introduz no leque das experiências humanas fenômenos que dependem dos processos midiáticos e que são totalmente desconhecidos aos ideais e histórias das religiões tradicionais. Para religiões tradicionais como a Igreja Católica, enraizadas em culturas e origens agrárias e pastorais, são necessárias mudanças realmente profundas em seus sistemas simbólicos para que possam ser capazes de responder a todos esses desafios na compreensão de uma nova forma de ver e de viver o mundo que vai nascendo com as mídias digitais (SBARDELOTTO, 2012, p. 33).

Os espaços criados nos artefatos tecnológicos para reflexões religiosas acabam recebendo uma abordagem que busca a repercussão de assuntos para criar escândalos, sem a confirmação de sua veracidade e recebendo um caráter informativo, emotivo e fantástico. A Igreja nestes meios tecnológicos é vista como espetáculo, deixando de lado as características da vida cristã que precisam ser destacadas, como a experiência da fé, a

oração constante e as ações de caridade. Nessa perspectiva, a proclamação do Evangelho não se trata apenas da transmissão de informações, mas de comunicação com o transcendente, fazendo com que a evangelização se torne linear, tendo uma preocupação com intencionalidades voltadas aos índices das audiências, restringindo seu papel a um produto de consumo. Portanto, estamos num período de complexas teias de relações globais e mudanças, estas que marcam o nosso tempo e são viabilizadas pelas formas de comunicação conduzidas pelas tecnologias. Neste universo de novas possibilidades e de separação de espaço e tempo, tais mecanismos de desencaixe promovem uma irreflexividade da própria vida. Por isso, a igreja também acaba sendo influenciada e conduzida para transformações que já estão visíveis no dinamismo social. Identificamos com o estudo os novos desafios enfrentados pela igreja, pois estamos em um mundo sem fronteiras no sentido da fé, onde o sujeito é tolhido e confrontado até em suas bases ontológicas, postas em xeque e rearranjadas no espaço virtual, de múltiplas relações globais.

O perigo maior reside na possibilidade de a mensagem cristã ser deturpada, colocando outras verdades de fé através de imagens. Conforme Trevisan (2002, p. 22), “o culto da imagem faz com que diariamente sejamos bombardeados por imagens de todos os tipos, formas e cores, que produzem uma mudança na maneira como nossas sensações percebem o real”. A linguagem por meio das imagens tem potencial de distorcer a integridade das questões, pois à medida que nos deparamos com as imagens, sem uma pré-compreensão crítica, acabamos por aceitar a realidade e o conteúdo representado, sem a existência do discernimento crítico e de consultar a veracidade das coisas. “A cultura imagética pressupõe, certamente, a impossibilidade de se trabalhar com a ideia de modelos ou referentes sólidos, operando com imagens, silhuetas ou simulacros de um real distante de um possível espectador” (TREVISAN, 2002, p. 114). Ora, as imagens permitem que as pessoas acessem uma espécie de conhecimento direto, tornando-se “um mesocosmo ou ponto intermediário dentro de um esquema platônico, fazendo a relação entre o mundo sensível e o inteligível” (TREVISAN, 2002, p. 63).

As imagens midiáticas, descontextualizadas e com elementos da imaginação humana, quando usadas com finalidade de entretenimento,

mesmo as temáticas religiosas e de evangelização cristã podem ser recebidas apenas como informações, perdendo a premissa da escuta atenta ao Evangelho e a realização de um compromisso fiel com o próximo. Não se questiona nesta questão o impacto positivo através das imagens, mas se questiona a repercussão de cunho religioso na vida do ser humano e se percebe uma contrariedade com a proposta da fé cristã. Nos meios midiáticos, a dimensão econômica ganha destaque devido ao alto custo das emissões, destacando patrocinadores que apenas tenham interesses por uma massa cada vez maior de consumidores, para que exista um retorno dos investimentos realizados, culminando no sucesso de venda dos produtos propagandísticos. Esta questão é facilmente perceptível nos índices gigantescos de audiência, influenciando na mentalidade das pessoas, tornando como legado uma censura camuflada, com uma supervalorização do consumo enquanto aparência estrutural dos valores humanos, identidades e corações. E assim, tudo acaba se transformando com o tempo em objetos de consumo, inclusive a imagem de Deus e de ser humano.

Considerações finais

Concluimos que a vivência da fé na modernidade se constrói de forma fragmentada por meio das mídias, pois não se almeja a totalidade da fé cristã voltada para a alteridade, mas supervalorizada no *eu*. É nesse sentido que percebemos que a fé vivida pela grande maioria dos cristãos não é suficientemente comprometida com o testemunho do Evangelho, porque carece de referenciais básicos de discernimento das tecnologias. O ciberespaço supervaloriza o *show do eu* e a satisfação de necessidades pessoais por meio de expressões da fé consumidas, em termos de milagres e *shows* religiosos. A centralidade humana contradiz a construção do Reino de Deus que preza a alteridade, gerando a falta de esperança, a desilusão, a crise de sentidos de vida e a depressão que caracteriza as pessoas, pois elas não bastam por si próprias e são interdependentes do contato com outras pessoas e com o divino.

Por ocasião das tendências instrumentalizadoras da realidade e das questões cristãs, torna-se improvável a potencialização da fé nos meios

tecnológicos enquanto não existir mudanças substanciais, pois assim corremos o risco de deturpar a mensagem religiosa. Dada a importância que as TDIC vêm assumindo nas instâncias sociais e também eclesial, é necessário (re)aprender e criar novos pressupostos e meios para a evangelização da fé cristã. O importante é que o anúncio do amor de Deus para a humanidade seja captado como interpelação à libertação das pessoas, pois a adesão ao cristianismo requer uma mudança radical de vida. A finalidade deste processo comunicativo é conduzir o ser humano para uma experiência que seja salvífica, plenificadora e significativa. No entanto, este intuito nem sempre é testemunhado e experienciado nos espaços virtuais, pelo contrário, observamos fragilidades das relações interpessoais de posse e crises existenciais guiadas por esperanças utilitaristas, jamais satisfeitas.

Concluimos que os meios tecnológicos não são um fim em si, como algo neutro, mas uma fonte de possibilidades para estímulos de atitudes cristãs nos novos espaços sociais constituídos pelo ser humano. O ciberespaço nos abre um novo campo extenso como nunca presenciado para a proclamação da fé cristã. Nesse sentido, as possibilidades tecnológicas precisam ser levadas em consideração para a evangelização, pois toda a cultura está fortemente ligada às tecnologias. O cuidado reside para que essa nova forma de evangelização não sofra deturpações e mutações, o que muito bem a indústria cultural é capaz de fazer.

Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, T. W. *Indústria Cultural e Sociedade*. 5. ed. Trad. Juba Elisabeth Levy. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FRANÇA, V. R. V. Do Telégrafo à Rede: o trabalho dos modelos e a apreensão da Comunicação. In: PRADO, A. (org.). *Crítica das Práticas Midiáticas*. São Paulo: Hacker, 2002.

HABERMAS, J. *Passado como futuro*. Trad. Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HABERMAS, J. *Técnica e Ciência como Ideologia*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Dom Quixote, 1994.

HABOWSKI, A. C.; JACOBI, D. F.; CONTE, E. Garimpendo ideias para a reconstrução do círculo hermenêutico e do círculo de cultura. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 53, abr./jun. 2018. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/29719/25371>> Acesso em: 29 out. 2018.

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. 7. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

LEMONS, A. *Cibercultura*. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, P. *As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

RODRIGUES, L. M. F.; FREITAS, T. A. F. Catequese para nativos digitais. *THEOLOGICA*, 2ª Série, v. 47, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/9902/1/Catequese%20para%20nativos%20digitais.pdf>> Acesso em: 10 maio 2017.

SBARDELOTTO, M. Deus digital, religiosidade *online*, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet. *Cadernos Teologia Pública*, São Leopoldo, Ano IX, n. 70, 2012. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/teopublica/070cadernosteologiapublica.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2018.

SPADARO, A. *Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete*. In: SEMINÁRIO DE COMUNICAÇÃO PARA OS BISPOS DO BRASIL (SECOBB), 2011, Rio de Janeiro. *Anais...* Brasília: CNBB, 2011.

TREVISAN, A. L. *Pedagogia das Imagens Culturais*. Da formação cultural à formação da opinião pública. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

Recebido: 20/07/2018

Received: 07/20/2018

Aprovado: 25/10/2018

Approved: 10/25/2018